

## A poesia e a descoberta dos índios

03.1.79

RIO (SUCURSAL) — O "Popol Vuh" é o livro da criação dos índios latino-americanos, onde narram não só a maneira como o mundo foi feito, mas também a sua perplexidade diante da vida. Não é sem razão que "Moderno Popol Vuh" é o subtítulo do último livro de Affonso Romano de Sant'Anna, "A grande Fala do Índio Guarani Perdido na História e Outras Derrotas", um livro — poema, ou um poema em forma de livro, que fala das perplexidades de um povo diante da opressão e da violência.

O "Índio" do título, que causa estranheza a quem ainda não leu o livro, é explicado pela posição do autor no poema, quando assume a figura do índio — não o índio romântico de José de Alencar, mas "Índio" como sinônimo de habitante do Terceiro Mundo — repassando em sua consciência, a tragédia de um povo subdesenvolvido.

O livro, segundo Sant'Anna, parte dos textos dos índios-poetas latino-americanos, pois lendo-os notou que uma grande identidade entre a linguagem que usaram para narrar seu drama e o drama histórico de nossa civilização:

"Na verdade, os colonizadores foram as multinacionais da época. A tragédia das antigas civilizações latino-americanas é comparável à tragédia dos latino-americanos de hoje, subjugados pelas multinacionais. O poema, por isso, não pretende ser um poema brasileiro, mas latino-americano. De certa forma, o livro dilui a literatura latino-americana e a brasileira e até mesmo a literatura ocidental. Pois o livro é, também o cruzamento de linguagens indígenas como uma linguagem bíblica, devido à minha formação protestante, mas, a linguagem bíblica do livro é uma linguagem politizada, misturada, evidentemente, a uma linguagem literária."

O livro-poema começou a ser escrito em junho de 1977, durante um seminário de literatura, em Belo Horizonte. Uma das indagações que surgiu no seminário foi exatamente a que se transformou na primeira frase do poema: "Onde leria eu os poemas de meu tempo?" Naquele dia, Affonso Romano de Sant'Anna criou um poema pequeno, procurando respostas para essa pergunta. A partir daí, começou a sofrer um processo que classifica de "estranho".

"Comecei a anotar versos de maneira assistemática. Não entendia o que era aquilo; por isso, resolvi fichá-los por tópico: povo, história, tortura, terrorismo, tentando entender o processo. Não adiantou. Uns seis meses depois, tinha impressão de estar com um poema grande nas mãos, mas não havia uma estrutura."

Nessa época, início de 78, ocorreu algo que facilitou o trabalho de Sant'Anna: um convite para lecionar literatura brasileira, por um semestre, numa universidade alemã. Lá, teve mais tempo para trabalhar no poema e conseguiu reunir as cem folhas que o compunham. Aos poucos, foi colocando-os em ordem.

"Foi um verdadeiro trabalho mural, um painel. Os papéis ficavam espalhados pela casa, pelo chão, pelas mesas. Eu ia lendo os poemas, colocando um do lado do outro, tentando dar uma continuidade ao texto. Tirava daqui, colocava ali. Finalmente, num processo de leitura e releitura, a coisa se montou, em torno da metáfora do índio. Em junho de 78, um ano depois, o poema estava pronto."

Para Affonso Romano de Sant'Anna, escrever "A Grande Fala do Índio Guarani" deu a impressão de estar começando e de que seus dois livros anteriores de poemas ("Canto e Palavras" e "Poesia Sobre Poesia") foram ensaios. Sua grande fala seria essa de agora. Opinião, aliás, compartilhada por muita gente. Já houve até quem comparasse o livro de Sant'Anna, guardadas as devidas proporções estéticas e de época, à "A Rosa do Povo" de Drumond. "A Grande Fala" estaria para hoje o que "A Rosa do Povo" foi para 1940. O livro tem duas edições, uma popular e outra de luxo, ambas ilustradas por Glauco Rodrigues, de maneira exemplar, segundo os críticos e o próprio autor.

"Glauco conseguiu fazer um tipo de ilustração que acho perfeita. Para o livro. Ele fugiu das idéias convencionais, as vinhetas, que não interferem no texto, são uma fusão de desenhos indígenas e gregos. As ilustrações, inclusive, tem algo de primitivo, de mal acabado, como o próprio poema. E o trabalho de Glauco sintoniza muito com esse tipo de poesia. O índio também é a temática dele. Glauco não faz uma pintura indigenista como eu não faço uma poesia indigenista. Nosso trabalho é uma obra crítica de nossa indigência subdesenvolvida".